

GUSTAVO BARROSO

OSWALDO MELO BRAGA

Do Instituto Histórico e da Academia de Letras do Ceará, Prof. do Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional.

GUSTAVO BARROSO foi o escritor elegante que nos deu páginas de grande emoção, pela sua linguagem tersa, clara, luminosa, vibrante.

Ele nos ensinou a amar a paisagem e a gente da terra torturada do norte.

Foi cronista, poeta, romancista, contista, folclorista, historiador de larga visão, erudito profundo.

O seu interesse estava sempre voltado para as cousas do presente. O momento histórico brasileiro preocupava-o; preocupava-o a nossa economia; as nossas instituições; as reações dos nossos homens públicos. Jornais e revistas estão cheios de seus estudos a êsse respeito. A sua versatilidade era realmente espantosa! Espírito enciclopédico, formado no estudo detido da História da Antiguidade, era a História a sua inspiração, o seu fanal. "Para a sua imaginação dirigida pelo estudo não existia o passado e o próprio futuro era o presente." Como Flaubert — disse alguém — como os grandes artistas conscientes no reviver e reconstituir as épocas remotas, êle se empenhou, com o máximo cuidado, em obedecer em tudo à verdade e à minúcia histórica. Essa honestidade de processos lhe dá uma característica à parte, em nossa literatura, onde já constitui uma verdadeira ginástica dos homens de

letras tratarem ligeira e frivolamente dos assuntos mais graves e mais sérios. Possuía o prestígio de um alto e verdadeiro esteta, revelador de encantos novos e novas belezas.

Páginas e páginas se vão sucedendo diante de nossos olhos deslumbrados mostrando tôda uma série de fatos históricos, de verdadeiras epopéias guerreiras, que soube, admiravelmente, reviver e animar, ao estudar os troféus gloriosos dos feitos militares da nossa terra.

Aí está a grande facêta do espírito dêsse homem que ainda não foi julgada como deverá ser: a história militar. Com que carinho examinava um capítulo, um episódio da história militar da nossa pátria, êle que conhecia minúcias da história militar de outras nações guerreiras! E como sabia interpretá-las!

Doía-lhe ver desaparecer, por inaproveitáveis, peças magníficas que poderiam constituir preciosos elementos para o estudo da nossa história.

Lá pelos idos de 1920, para ser mais preciso, a 21 de fevereiro, na "Seleta", êle publicava, sob o pseudônimo de *Jotaenne*, uma crônica pequena, mas incisiva nos conceitos, a respeito de canhões e outras peças históricas que se achavam espalhados pelo País, e chamava a atenção do govêrno no sentido da criação de um museu para recolher essas e outras peças do nosso passado guerreiro: "Não exigiríamos, no Rio de Janeiro, um museu tão rico como o dos Inválidos, em Paris, a Armeria Real, em Madrid, ou o de Artilharia, em Portugal. Mas, devíamos ter um pequeno e simples embora, para nêle guardarmos as lembranças da nossa história guerreira, desde a Colônia até à República. Não seria cometimento difícil para um govêrno, nem acarretaria grandes gastos para o Tesouro.

"Entretanto, vendemos, como metal velho, em hasta pública, os antigos canhões do forte histórico de Cabedelo, na Paraíba, e deixamos ao *Deus dará* idênticas lembranças históricas por tôda a parte. No diminuto e desprezado Museu Naval desta cidade, que raros conhecem, existem canhões de real valor tradicional carinhosamente hospedados: alguns do Forte do Príncipe da Beira, com as armas da Espanha e de

Portugal, até com o monograma de Jorge da Inglaterra, trazidos pelo Almirante José Carlos de Carvalho; outros, de outras épocas. No pátio do Arsenal de Guerra, há dois, ou três, também muito antigos; no do quartel do 3.º Regimento de Infantaria, o mais célebre de todos: *El Cristiano*, fundido pelos paraguaios, com os sinos de Assunção.

“Por que não reuniremos em lugar apropriado quantos ainda restam pelo Brasil em fora: nas ruínas do heróico forte do Rio Formoso, em Tabatinga, em Olinda, em Fortaleza, no Brum, no Buraco, em Vitória, em Cabo-Frio, por tôda a parte enfim?”

“Acrescentando a êsses a esquecida Vovó, a carruagem histórica de Osório, armas de tôda a espécie e fardas de tôdas as qualidades, esparsas aqui e ali, troféus de tôda a ordem, bandeiras, estampas, medalhas, espadas notáveis, as correntes de Humaitá, placas e quadros, o que há conservado no Museu Naval e numa sala do vetusto Arsenal do Rio de Janeiro, canhões brasonados de velhíssimas fortalezas, e que sei mais, poder-se-ia fundar um museu militar interessante. Nada mais necessário e mais urgente para estimular o culto do patriotismo entre nós que estamos por demais carecidos dêle. . .

“Se não se fizer no nosso país um Museu Militar, todo o bronze histórico dêsses canhões antigos será um dia vendido às rebatinhas, como metal velho. Será possível que se ponham em almoeda tôdas as lembranças históricas do Brasil? — *Jotaenne.*”

Por aí se vê que o amor de Gustavo Barroso pelas coisas do nosso passado era antigo e vinha ainda de mais longe, quando muito jovem, como podemos ver dos seus artigos datados de princípios de 1919, por êle mesmo ilustrados, com desenhos que reproduziam figuras da antiguidade.

Graças à compreensão, à inteligência de um presidente como Epiácio Pessoa, conseguiu realizar o seu sonho: que fôsse criado o Museu Histórico Nacional, que êle organizou e dirigiu carinhosamente, competentemente, e sàbiamente, durante 37 anos!

Apesar de todos os percalços, lutou diuturnamente e venceu; venceu com aquela impavidez que o acompanhou por tôda

a vida, magoando-se com as ingratidões, porque sua alma era nobre e sensível, porque acreditava na amizade e os amigos invejosos de sua extensa cultura, do seu brilhante espírito, o traíram. E, para êle, poderemos repetir o que êle escreveu a respeito de Santos Dumont, de sua glória imarcescível, que maus brasileiros procuraram escurecer:

“Nada mais raro do que a glória verdadeira, especialmente no nosso país, onde o cabotinismo floresce de modo assombroso. Na História da nossa pátria, pobre de fatos e ainda mais pobre de homens, é bem difícil encontrar uma glória de verdade, discreta e nobre, eloqüente por si, não por seus turiferários interesseiros. De maneira que o que se deveria dar seria justamente a adoração geral pelo nome e pelos feitos de que houvesse logrado alcançar uma posição notável pelo esforço do seu próprio talento, pelo próprio valor, cobrindo-se de louros e, também indiretamente, o seu país natal. Entretanto, acontece o contrário: corre-se a cortina de chumbo do silêncio e com ela se envolve a personalidade e a ação de quem quer que se não meça pela craveira comum. Porque o que nos domina, na nossa inferioridade de semicivilizados, é a inveja pequenina, feita de auto-intoxicações biliares, de mil pequenos espinhos envenenados, que, certamente, faz sofrer mais a quem a encerra do que àqueles a quem procura atingir. A sua arma melhor é o silêncio. Quem tem talento, ou merecimento de outra ordem, pode trabalhar, agir, produzir, criar, inventar, melhorar, fazer tudo quanto lhe fôr possível para elevar-se. Não ecoa. Mura-o silêncio profundo.”

“E as nossas ingratidões e os nossos descasos para com aquêles que têm construído as melhores coisas de nossa vida nacional, de nossa intelectualidade, de nossa moralidade, se vão repetindo às dezenas. Vivos, podem fazer o que fizerem; o despeito, a inveja, cercá-los-á sempre, sufocando-lhes as aspirações, desgostando-os, apagando o lustre do seu nome, caluniando-os, esmagando-os.”

Tive a honra e o prazer de conhecê-lo de perto. Em 1937, recebi diretamente suas admiráveis lições de história pátria, ouvindo, atentamente, religiosamente, aquelas palavras que eram para mim um estímulo na consecução de meus desígnios:

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

— o concluir o Curso de Museus, também de sua criação, verdadeira escola de civismo, de alta formação moral e intelectual.

Espantava-me tanta soma de conhecimentos num homem só: Heráldica, Numismática, Indumentária Civil e Militar, Armaria, Arte Naval e Militar, Arquitetura, Mobiliária, Estratégia!... Que digo eu? Sim, Estratégia!...

Certa vez, no Museu Histórico, estudava umas fichas sobre armamento antigo (uma de suas especialidades marcantes), quando ouvi a voz de Gustavo Barroso. Aproximei-me da sala, alcançando-a, após galgar três ou quatro degraus, e a vi repleta de oficiais de altas patentes do Exército, ouvindo e anotando as palavras de Barroso, que discorria fluente e sãbiamente a respeito da Arte Militar na Antiguidade: suas grandes batalhas, estratégia então empregada e erros dos estrategistas. E êle exhibia mapas, traçava gráficos, comentando-os com a proficiência que lhe era peculiar.

A sua *História Militar e Naval do Brasil* é um dos documentos comprobatórios de nossa assertiva. É única no gênero. Condensou em 343 páginas tôda a organização militar do Brasil, desde a época colonial (sec. XVI) até à República (séc. XX). Aí estão enumeradas datas das organizações militares, seu aparecimento, seu desdobramento, efetivos, armamentos, uniformes, hierarquia, tudo, tudo o que interesse à nossa história militar, incluindo as nossas guerras ilustradas com mapas. O álbum que, com a colaboração de Wast Rodrigues, publicou por ocasião do centenário da Independência, em 1922, é sua complementação.

Perdemos, com a morte de Barroso, o maior, senão o único técnico em armamento de todos os tipos e de tôdas as épocas.

Folclorista dos grandes, deixou trabalhos imorredouros: planos de estudos, interpretações da sabedoria do povo brasileiro. *Causeur* agradabilíssima, não nos cansava ouvir sua palavra alegre e, por vêzes, irônica, sobre os *causos* dos sertanejos que êle conhecia tão bem, e que fixou nas páginas antológicas da sua obra variada e erudita.

Muitos, como já tive ocasião de dizer, não o compreendiam. De estatura elevada, porte militar, olhar firme e olhando sempre além, fisionomia séria, pensativa, por efeito de estudos

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

contínuos e prolongados, em arquivos e gabinetes, dir-se-ia que êle procurava conservar a distância as pessoas que frequentavam os mesmos lugares que êle. Que engano, porém! Só os tolos e médiocres poderiam cometer tal êrro de julgamento.

Era um exemplo como grande administrador, assíduo e pontual; trazia as coleções do Museu rigorosamente classificadas, primorosamente arrumadas, de acôrdo com a técnica museológica e, para isso, escreveu os dois monumentais volumes intitulados "Introdução à Técnica de Museus".

Seu coração era magnânimo, sua alma sensível. Poderia revoltar-se com traições de amigos a quem êle dera a mão acolhedora, mas, por fim, a todos perdoava.